



---

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores, Modos de Vida

---

### A Identidade como Sacrifício

---

MATEUS, Samuel

Mestre em Ciências da Comunicação

sammat@clix.pt

---

#### Resumo

O processo identitário, na contemporaneidade, assume uma índole fundamentalmente diferente da identidade moderna. A identidade pluraliza-se ao mesmo tempo que se constrói de acordo com práticas simbólicas alargadas. Ela caracteriza-se, não tanto pela descoberta de si, como pela produção e invenção de si.

Esta comunicação propõe-se examinar a identidade contemporânea segundo a figura do sacrifício. Examinando as afinidades entre ambos os conceitos e singularizando as modalidades sacrificiais da identidade, sugere-se que a identidade e o sacrifício partilham a mesma lógica estrutural de perpetuação da relação social.

A identidade deve ser compreendida não tanto como projecto individualista e privado mas um projecto reflexivo de cariz público que faz da dimensão pessoal e da dimensão colectiva fronteiras permissivas da sua definição no indivíduo hodierno.

Palavras-chave: Identidade; Sacrifício; Consumo; Dádiva





## A Identidade como Sacrifício

### 1. Da Descoberta à Invenção de Si

A identidade adquire, na modernidade, um carácter verdadeiramente problemático. Ao contrário da experiência tradicional, o indivíduo é interpelado a encontrar um factor de diferenciação e singularização a partir do qual se possa compreender a si mesmo e aos outros. A identidade torna-se o resultado de um questionamento que o sujeito cumpre integrando nessa avaliação aquilo que ele é, aquilo que ele gostaria de ser e aquilo que ele gostaria de ser para os outros. Ao mesmo tempo que possibilita novas linhas de entendimento pessoal, ela inclui um conjunto de traços distintivos capazes de discriminar o sujeito de determinado grupo social, quer assimilando-se, quer demarcando-se dele. Na modernidade, a identidade é o fio de Ariana que molda o modo como o sujeito se representa no labirinto de uma sociedade complexa, abstracta e despersonalizada.

De acordo com a concepção racional cartesiana, a identidade pessoal é una, circunscrita e transparente. Dotada de reflexão crítica, ela domina inteiramente a vida psíquica. O sujeito possui uma essência – fundada no princípio lógico de identidade entre o que é e o que não é – dotada de um fundo de pura consciência e racionalidade existindo um “eu” transcendental (*res cogitans*) separado da sua forma material (*res extensa*). A identidade pessoal inscreve-se na ideia de um Sujeito de pensamento e vontade livres que observa o mundo a partir de uma instância exterior, objectiva e independente. A identidade é fruto do desenvolvimento de uma interioridade que avalia o mundo de forma distanciada, imparcial e independente reproduzindo a dicotomia entre Sujeito e Objecto.

A identidade significa um acto de recolhimento do mundo e renúncia da sociedade. Necessita do espaço privado para erigir uma intimidade capaz de instituir e desenvolver a subjectividade. Nasce de um acto de introspecção e de acolhimento de uma subjectividade apartada da sociedade. A intimidade significa, pois, o porto-de-abrigo que permite ao indivíduo fundar, a partir de si mesmo, a sua própria identidade e subjectividade. A identidade pessoal é o resultado de um trabalho de descobrimento individual, de produção em filigrana de um “eu” idiossincrático que se protege das influências extrínsecas, consideradas estas como uma tempestade violenta que se abate sobre o mar calmo da interioridade. A identidade moderna é um efeito do exacerbamento do sentimento que intensifica a concentração do indivíduo em si mesmo e que o leva a voluntariamente abdicar das relações interpessoais. O sentimento de si, por vezes de contornos narcísicos, provoca uma tendência individualizante que tende a privilegiar cada vez mais a clausura (as habitações burguesas, por exemplo, transformam o salão público de receber visitas em “salas-de-estar” dedicadas não a actos públicos mas encontros privados e íntimos) e o lazer solitário (por exemplo, a leitura silenciosa).

O sujeito moderno inicia uma intensa indagação pelo seu verdadeiro ser e pela sua genuína identidade. O questionamento pessoal é guiado pela expectativa de encontrar, bem no âmago da sua existência, a sua própria e intransmissível identidade. Esta é como um tesouro perdido à espera de ser descoberto por intermédio de uma prática persistente de procura de si. As actividades que empreende devem contribuir para esse reencontro entre indivíduo e identidade, espécie de par que simultaneamente é determinado e se indetermina à nascença, e que urge por um resgate de modo a que o indivíduo se conclua e se considere cabal. A escrita é a actividade, por excelência, do processo de descoberta de si e que, sobretudo, através do diário, permite um aprofundamento das facetas identitárias.

Durante a demanda pela justa identidade poderão surgir dissidências no modo como o sujeito se avalia a si mesmo e nas expectativas que possui quanto a essa identidade almejada. Ele pode considerar que não está a ser verdadeiro consigo mesmo (isto é, com a identidade que procura) quando, por exemplo, afirma algo em que não acredita. É como se existisse um substrato originário de identidade que regula as acções presentes do sujeito tornando-as ou não adequadas aos valores defendidos. A identidade da modernidade



revela-se como uma identidade sólida que o sujeito deve descobrir mais do que construir ou definir. Ela é um fundamento estabelecido do indivíduo podendo este inclusivamente agir sobre ela, como as seguintes expressões linguísticas exemplificam: “*Fiz-me* aceitar a proposta”, “ *Venci a minha* preguiça”, ou “Quem manda em *mim* sou *eu*”. Estas afirmações do quotidiano revelam a acção de causalidade entre uma subjectividade e uma identidade, entre um indivíduo e uma forma de ser cristalizada.

A identidade é, assim, um factor pré-existente ao sujeito moderno cabendo-lhe a árdua tarefa de descobri-la (e descobrir-se). Ela é uma entidade fixa, estável e permanente que deve ser apropriada pelo sujeito. A existência daquela é autónoma a este. O sujeito como que procede à sua possessão e integra-a em si. A identidade é o conjunto monolítico de facetas subjectivas que dá à fragmentação da vida social, o carácter unificador de que o sujeito necessita para se compreender, a si e ao mundo. A problematicidade da identidade, na modernidade, não advém da consistência da identidade, mas sobretudo da dificuldade em encontrar entre as identidades que transitam no espaço social aquela que mais preencha o sujeito. A auto-compreensão baseia-se, sobretudo, nos processos subjectivos. As identidades possuem um cunho social mas é o indivíduo que, através da subjectividade forjada solitariamente na intimidade, procede à sua triagem e as acolhe.

Assistimos, na contemporaneidade, a uma mutação dos pressupostos modernos da identidade.

A identidade pluraliza-se, divide-se, caracteriza-se por ser um movimento de extroversão. Alimentada por modelos contrastantes que devem ser adaptados e completados pelos indivíduos, a identidade pauta-se por ser um dilema. Ela coloca-se entre proposições contrárias que apelam a uma interpretação pessoal de forma a reconstituir um discurso congruente. Entre a unificação e a fragmentação, entre a certeza de uma autoridade e a incerteza de um universo descentrado, o indivíduo ensaia a manutenção de um equilíbrio que lhe permita (re)fundar-se na ponderação do seu projecto de vida. A identidade pessoal sofre, assim, uma inflexão reflexiva que se traduz na necessidade de retrabalhar o sentido identitário através da criação de narrativas que reordenem e reorganizem novos quadros de compreensão individual (Giddens, 2001).

O indivíduo contemporâneo não partilha o mesmo discurso coerente e introvertido da modernidade. A identidade torna-se um projecto susceptível de ordenamentos existenciais que se descrevem a partir, não de movimentos autoreferenciais, mas movimentos de expansão em que o indivíduo se planeia e delinea a partir do diálogo com outras identidades. A um entendimento moderno de identidade egocêntrica sucede um entendimento hodierno alter-direccionado muito mais susceptível e dependente da aprovação social. As identidades pessoais baseiam-se não tanto numa descoberta de si, como de uma construção de si. Elas são fruto de um processo de apropriação criativa por parte dos indivíduos. Elas tornam-se mais polimórficas compondo-se de modalidades que se ajustam aos indivíduos consoante as situações que integrem. Não existe uma identidade una e totalizante mas identidades fluidas que se desenvolvem em diferentes interacções sociais.

O indivíduo contemporâneo existe na transitoriedade e alternância de identidades estabelecendo-se estas como sobre-identidades, como verdadeiros estratos que se acumulam e que expressam, no seu conjunto, uma identidade eclética e heteróclita. O indivíduo experimenta-se experimentando identidades avulsas, cada uma adicionando um elemento mais à estratificação identitária. Devemos entender a incorporação dessas sobre-identidades não apenas como recreações como também recriações. Por um lado, como as identidades virtuais da internet (IRC, Hi5, videojogos, etc) exemplificam, essas identidades suplementares e multi-estratificadas contribuem para um lúdico jogo de identidades que enriquece experiencialmente o indivíduo. Mas contribui sobretudo para o homem se tornar o supremo autor de si, um demiurgo de si próprio. Entre estas duas fases, a da recreação e a da recriação, gera-se um questionamento do indivíduo e do mundo que autoriza a recomposição do imaginário pessoal. Entre uma sobrevalorização e a subvalorização nasce uma identidade moderada, simultaneamente ambiciosa e modesta. O que o indivíduo procura na manipulação identitária possibilitada pela internet é um acordo consigo mesmo, uma abertura por onde entram e saem novos pontos de identificação. O indivíduo contemporâneo cobre-se de



identidades, não para perder o rasto de si mas justamente o oposto: as identidades itinerantes servem o propósito dele se encontrar (Jauréguiberry, 2004).

A manipulação das imagens de si não tem o intento de fazer escapar o indivíduo de si próprio mas de o fazer existir alternativamente de forma a testar a sua própria autonomia e liberdade. A identidade só se torna transparente quando sobreposta por identidades-outras, sobre-identidades que, não obstante, carecem da confirmação por parte de outros indivíduos. A exposição de identidades na internet recolhe esta lógica de reconhecimento pela alteridade, fazendo da reacção do outro o espelho com que o indivíduo se olha. Daí o carácter adictício de alguns jogos electrónicos baseados na construção da identidade (são exemplos, *The Sims* ou *Second Life*), os quais recolhem o seu interesse da necessidade de confirmar perante outros a identidade virtual criada. Com esse fim criam-se as mais diversas comunidades on-line, cada uma funcionando como instância primária de reconhecimento e aceitação de cada jogador.

Face a estas considerações, várias questões assaltam-nos.

O que significa, do ponto de vista da identidade, a sua transitoriedade, fluidez, polimorfismo e indeterminância? Como compreender a relação entre indivíduo e sociedade? Será que ocorre uma tendência à desintegração social<sup>1</sup> ou, pelo contrário, esta experimentação e manipulação das identidades assenta sobre uma forte necessidade de restabelecer os laços sociais? Em vez do exacerbar de um individualismo desregrado assistimos a uma tentativa de recomposição da relação social através de práticas simbólicas que apelam a uma reformulação do entendimento moderno de identidade?

A nossa reflexão inclina-se para a segunda alternativa. A pluralização da identidade contemporânea sugere-nos, não um afastamento do social por parte do indivíduo mas uma profunda afinidade que se estabelece entre ambos. Um modo particularmente relevante de compreender este descentramento identitário passa por cogitar a identidade hodierna a partir do seu fundo sócio-antropológico. Propomo-nos, então, abordá-la a partir da figura antropológica do sacrifício. Figura paradoxal - o sacrifício é a abnegação de alguma coisa sob a perspectiva de a lograr de forma mais intensa e aumentada - que, todavia, não deixa de trazer novos e interessantes esclarecimentos à concepção contemporânea da identidade. Cremos que é a lógica estrutural do sacrifício, enquanto factor de coesão social, que perpassa nas práticas simbólicas da identidade. Identidade e sacrifício partilham a mesma intenção de consolidação social. Conceber a identidade enquanto sacrifício leva-nos a entendê-la não como um momento exclusivamente de realização pessoal mas subordinar essa realização pessoal à realização colectiva. A explosão da identidade contemporânea deve por isso ser avaliada a partir da sua dimensão comunitária. Em primeiro lugar, tecemos algumas considerações que relacionam sacrifício e identidade para, de seguida, introduzirmos e explorarmos as modalidades sacrificiais da identidade hodierna a partir de práticas simbólicas muito específicas.

## 2. Um Paralelo entre Sacrifício e Identidade

Etimologicamente sacrificar significa “tornar sagrado” (a palavra latina *sacrificium* aglutina as palavras *sacer* (sagrado) e *facere* (fazer)). Denota, na antropologia da religião, a mudança de condição de uma pessoa ou objecto que passa do domínio profano para o domínio do transcendente e da veneração de Deus. Nesse sentido, ele é o acto de subordinação do homem a uma entidade superior no contexto de um culto religioso que visa instituir uma ligação estável e permissiva entre o mundo da necessidade e contingência e o mundo da onipotência e permanência. O sacrifício é, neste caso, o acto que estabelece um preito entre o homem e Deus equivalendo a uma mostra de boa fé e confiança. A abdicação de uma parte do homem (seja literalmente, como nos sacrifícios humanos, seja metonimicamente, como nos sacrifícios animais) é a mais pura atitude de respeito e homenagem à entidade celeste. Com este acto de resignação e cedência, o homem tem por objectivo ganhar o favor divino. Todo o sacrifício é, assim, impetratório tendo em vista obter mais ganhos para além daqueles a que renunciou. O sacrifício configura, paradoxalmente, a imolação de um valor humano exactamente para que ele possa continuar a existir.



Se nos concentramos nos princípios de funcionamento do sacrifício e alargarmos o seu horizonte de aplicação observamo-lo, antes de mais, como uma consagração, isto é, como uma transformação do estatuto da pessoal moral (Mauss et Hubert, 1899), tornada reverenciável pela mutação da sua qualidade, consagração essa que significa a instauração de relações de valor assimétricas. Sagrado, nesta acepção, não se inscreve tanto numa teologia, como para num preceito venerável alvo de uma distinção e estigmatização positiva. A consagração expressa a ideia de distinção laudatória que separa um homem da condição vulgar e o valoriza intensamente. O sacrifício consagra, torna sagrado, não porque torne apoteótico o homem, no sentido literal grego de *apótheosis*, isto é, de deificação, mas sobretudo porque o diferencia socialmente. O sacrifício é, sobretudo uma partilha do câmbio do sentido, uma conversão de categorias, uma confirmação de uma disposição moral. Ele deve, antes de mais, ser compreendido no quadro alargado do funcionamento das relações sociais. A passagem do profano ao sagrado denota a permuta das posições sociais que se operam na sociedade. Assim, o sacrifício existe em dois planos demarcados: o plano conjuntural e estrutural, dirigido à manutenção e desenvolvimento das relações sociais; e o plano micro-social de manutenção e transformação do estatuto individual. Os dois planos articulam-se, assim, ao nível colectivo e pessoal (Evans-Pritchard, 1954). O sacrifício é a cerimónia onde se manifestam as expectativas parciais individuais face à totalidade social conjugando esses dois níveis. Ele tanto é a consagração do indivíduo, como a consagração de uma regra ou valor que deve ser observada pelo indivíduo. Ambos os níveis de análise são importantes para perspectivar o sacrifício do ponto de vista sócio-antropológico.

O sacrifício é uma cerimónia onde a sociedade se reúne em torno de um objecto ou pessoa, mas é igualmente um importante ritual. Ele significa o momento em que a estrutura social se condensa. Enquanto ritual ele relembra, pela sua repetitividade e reiteração, os hábitos ancestrais e os traços seguros de identidade colectiva. A sociedade mostra-se a si mesma, rememora vivências, aviva sentimentos, compreende-se retrospectivamente, “volta a si”. O rito do sacrifício vive da memória colectiva e cimenta as instituições e as representações sociais. Ele centra-se no *pathos* da comunidade, interpela-lhe as paixões, fá-la vibrar, comove-a, instila a coesão social, convoca a sensibilidade colectiva, confronta a pertença comunitária e a força afectiva. O ritual sacrificial impõe uma cadência rítmica onde predomina a consonância, o respirar comum, o tempo cíclico do eterno retorno.

Seguindo o fio antropológico cerimonial e ritual, o sacrifício adquire um cariz religioso. Religioso não enquanto teosofia, mas no sentido etimológico de religação (do latim *religare*). O sacrifício é religioso na medida em que ele funde o indivíduo no social unindo a sociedade no seu conjunto. O sacrifício acaba por ser a celebração da própria vida. Uma vida que simboliza a força vital que circula pela sociedade regenerando-a. É a garantia de uma corrente que flui entre indivíduo e sociedade. A função sociológica do sacrifício é (re)unir os indivíduos da sociedade enfatizando a sua índole de aliança<sup>ii</sup> ou coligação. Ele é o acto ritual através do qual se estabelece, perpetua ou restaura a própria sociedade. O sacrifício demonstra toda a importância da vida e a dependência que esta tem de ser presenciada pelo conjunto da sociedade. Indivíduo e sociedade repartem uma tensão aflitiva. O sacrifício implica, compromete, supõe um envolvimento. Simboliza a comunicação de uma angústia constitutiva que enaltece a relação social estabelecida (cf. Bataille, 1986: 73). É a comunicação da negação do isolamento, a aferição da mutualidade, a transição desde o fechamento à abertura.

Esta dimensão comunitária do sacrifício perpassa pela constituição contemporânea da identidade. Tal como o sacrifício, a identidade contemporânea assenta em formas simbólicas de individuação que convocam e interpelam a sociedade. Ela pode ser vista como uma consagração, a aquisição de um estatuto especial por parte do indivíduo. Mas é, também, uma cerimónia onde indivíduo e sociedade se encontram e dialogam. Como o sacrifício, a identidade detém uma dimensão religiosa capaz de pôr em marcha um sentimento de pertença.

Com efeito, é possível firmar um paralelo entre a estrutura dialéctica do sacrifício (indivíduo-sociedade) e a estrutura dialéctica da identidade (sociedade-indivíduo). Numa primeira e estrita acepção, a identidade torna-se um sacrifício na medida em que acontece como sofrimento. A necessidade do indivíduo fabricar para si um projecto de vida e uma existência social suficientemente enriquecedora, a urgência de ele se inventar e definir um horizonte de expectativas, converge com um grau de padecimento e amargura. Neste sentido trivial de sacrifício, a identidade é um projecto que abriga uma dificuldade opressiva de



autodeterminação. Sob o risco de perda de sentido pessoal, o indivíduo dedica-se continuamente à reformulação de si. Quer deseje, quer não, é preciso atribuir em permanência um significado à sua vida. Consequência directa dessa carência, aparecem uma imprensa e uma literatura cada vez mais empenhadas em orientar os indivíduos, ajudá-los a compreenderem-se, ensinando-lhes como reagir, em suma, configurando os seus padrões de sentir, comportar e agir. Abundam livros ditos de “auto-ajuda”, obras onde se procura agir sobre a inteligência emocional e que se pautam por ser guias de interpretação da vida.

Mas identidade é, também, um sacrifício enquanto abnegação. Um pouco paradoxalmente, a identidade pessoal funda-se em identidades colectivas. Esta subordinação não pode deixar de constituir uma certa forma de abdicação da identidade (moderna). Mas vista atentamente, esta aparente limitação é, na verdade, um factor de enriquecimento. O sacrifício de desinvestir a identidade pessoal é compensado pela acção formativa que as identidades colectivas exercem sobre as identidades pessoais. A identidade pessoal comunga das identidades colectivas, assim como estas se desenvolvem a partir daquelas. Há uma forte afinidade entre o aspecto social e o aspecto propriamente pessoal. Tal como o sacrifício, a identidade pessoal hodierna imola-se apenas para ressurgir de forma aumentada.

Existem, porém, duas acepções-maiores do paralelismo entre sacrifício e identidade. Elas formam o que designamos por modalidades sacrificiais da identidade e implicam pensar o carácter múltiplo e fluido das identidades contemporâneas segundo representações simbólicas abrangentes.

### 3. Modalidades Sacrificiais da Identidade

De modo a cobrir a amplitude das identidades contemporâneas, é necessário ter em mente o papel que a cultura material desempenha nos processos hodiernos de formação da identidade. Por cultura material entendemos uma cultura objectual, característica das sociedades desenvolvidas, assentes sobre o consumo social de uma diversidade de objectos que os indivíduos utilizam para se descreverem a si próprios e fundarem relações de sentido partilhado. Nas duas modalidades sacrificiais da identidade subjaz este fundo cultural material, o qual possui um papel determinante na formação e desenvolvimento da identidade.

Em primeiro lugar, devemos encarar a identidade contemporânea a partir da ideia do sacrifício como comunhão<sup>iii</sup>. O sacrifício expressa a relação social que se oferece em termos de participação simpatética (*sympathos*) numa totalidade comunitária. Ele é o processo aglutinador que funciona segundo afinidades emocionais ou afectivas. O sacrifício emerge como comunhão (*communione*) mas igualmente como comunicação (*communicatio*), isto é, como interpenetração dos planos colectivo e individual. Ele é o acto pelo qual se celebra uma comunidade de crenças, as quais atravessam comunicativamente todo o tecido social fazendo comum e tornando participada a relação social assim instaurada. O sacrifício é a generalização do sentimento de pertença a uma comunidade (*communitate*) que comunga da mesma identidade colectiva. Da sociedade, o homem retira o reconhecimento e a confiança que ele necessita para se afirmar enquanto indivíduo; em compensação, ele arrisca-se renunciando ao seu individualismo. O rito sacrificial recorda, deste modo, a conservação religiosa (*religare*) das relações sociais conciliando o plano colectivo e o plano individual.

O ponto de apoio que sugere a identidade como uma comunhão é dado pela ideia de consumação. A consumação é a lógica social do consumo que opera a construção simbólica e social do indivíduo. Ela é um consumo identitário e experiencial fundado num desejo colectivo de assimilação. Significa um conjunto de práticas simbólicas materiais a partir das quais os indivíduos produzem e gerem o sentido (Mateus, 2006). Na medida em que o problema da identidade acontece enquanto consumo social de objectos com vista ao estabelecimento de identidades pessoais intimamente ligadas a identidades colectivas, na medida em que a identidade se torna uma questão de consumação, então, a identidade hodierna pode ser vista segundo os mesmos mecanismos agregadores e comunitários do sacrifício. A identidade é um sacrifício comunal se



pressupusermos que ela surge actualmente em estreita dependência de um processo social consumatório por intermédio do qual se procede à fundação do sentido, do valor e da existência dos indivíduos. Consumar designa um consumo que, renunciando à funcionalidade económica, engloba dimensões afectivas, emocionais, simbólicas, logo, sociais.

A consumação não apenas reproduz as identidades, na estrutura social, como providencia uma forte componente de construção identitária (Miller et al: 1998). Enquanto administração de símbolos, ela investe-se de quatro funções primordiais: mediação material de conflitos entre representações identitárias díspares, expressão simbólica das qualidades do indivíduo, classificação estatutária e operador de integração social. Tal como no sacrifício o indivíduo adquire um outro estatuto, assim, a identidade, configurada pela consumação, figura o indivíduo fazendo-o incluir numa dada estratificação social, fazendo-o pertencer a uma dada comunidade. Por exemplo, a identidade de adepto desportivo pode, assim, ser adquirida consumando os signos dos objectos como o cachecol, a bandeira, ou a face pintada. Apresentando esses objectos, o indivíduo entra em consonância com outros indivíduos adquirindo, através desse consumo social, uma comunidade de pertença. A identidade contemporânea emergente com a consumação inaugura uma relação na qual os indivíduos se identificam, partilham códigos de comportamento, estilos de vida semelhantes, e afinidades electivas. A indumentária, o calçado, a alimentação funcionam como um código simbólico capaz de agregar os indivíduos em tornos de ideias e valores.

A consumação alimenta as identidades constituindo pequenas tribos fundadas no reconhecimento de determinada manipulação simbólica dos objectos que oferecem a referência para a integração social da identidade. Essa dimensão tribal traduz uma lógica de resistência à desagregação social causada pela diferenciação funcional das sociedades complexas. Objectos e marcas são empossados da função de criar ligações sociais, comutador simbólico que relaciona os indivíduos entre si através da materialidade da cultura. O que está em causa na afiliação desportiva, na constituição de grupos de admiradores, ou nas comunidades de utilizadores de determinado objecto, é o restabelecimento de um laço comunitário degradado. As marcas e os objectos são o pretexto e o motivo principal para reformulações do projecto reflexivo da identidade pessoal, produzindo novos efeitos de sentido social que os indivíduos utilizam para se compreender a si mesmos e à sociedade. O objecto de consumação simula a ligação comunitária, possibilita uma sociabilidade que reorganiza as relações interpessoais e os recursos existenciais. “O processo identitário parte essencialmente, e cada vez mais, de indivíduos-sujeitos que têm necessidade de reivindicar pertenças diversas para alimentar os conteúdos significativos da sua existência. As identificações colectivas podem, pois, ser vistas como simples instrumentos, recursos baseados nas categorias que criam o sentido do mundo social” (Kaufmann, 2007: 122). A identidade fabrica-se nas entrelinhas do diálogo entre o indivíduo e aqueles com quem se sociabiliza, seja de modo directo ou mediatizado. A consumação contribui, assim, para um entendimento reflexivo da identidade contemporânea.

A consumação é a prática social que concretiza a flexibilidade identitária e faz do eu um rascunho em constante remodelação por pertenças (tribais) colectivas de que o indivíduo se vai (re) compondo. A múltipla compleição da identidade operada pela consumação significa não apenas um alargamento da identidade, como uma comunhão social. O indivíduo forma-se, pensa-se e constrói-se de acordo com as pertenças colectivas engendradas pela consumação. As suas ideias acerca de si são consequência do intercâmbio de sentido com a sociedade. Longe de se reduzir a um conjunto de aspectos substancialistas, a identidade é um processo diferencial (nasce da confrontação com a alteridade) e dialógico (negociação social de diversas facetas da identidade). Consumar e sacrificar são noções correlacionadas que partilham a mesma lógica: a reprodução simbólica das sociedades. Consumar é negociar individualmente o social. Sacrificar é recordar o laço social entre os indivíduos. Em ambos sobressai a mesma dimensão comunal que marca a unidade social. A identidade que advém da consumação é, deste modo, uma identidade-sacrifício.

Voltemo-nos agora para a segunda modalidade sacrificial da identidade: o sacrifício como oblação<sup>iv</sup>. O sacrifício pode ser perspectivado, também, segundo uma intenção ofertante em que se procura o entendimento e a conformidade entre duas partes. A oferta é a parte mediadora que aproxima pólos





distantes entre si. Destaca-se como símbolo de uma harmonia que se pretende criar ou preservar. A dádiva é, assim, um modo de constituição da comunhão que o sacrifício aspira actualizar. Ela existe criando a reciprocidade, instaurando a infinita retribuição, causando a eterna gratificação. A oblação sacrificial testemunha uma permanente falta que a oferta pretende suprimir, obriga à protelação da dádiva numa lógica circular. Dá-se para que algo nos seja dado. *Do ut des* segundo a máxima latina. A dádiva apresenta-se, assim, como uma espécie de contrato (Mauss et Hubert, 1899). O sacrifício mostra-se, deste ponto de vista, sob um aspecto paradoxal: sendo livre, ele é obrigatório. Ambas as partes são livres de entrar nesta relação mas a oferenda coage-as a responder à oferta oferecendo.

A identidade hodierna reitera a dimensão oblativa do sacrifício. Ela é considerada como uma oferta à sociedade por parte do indivíduo já que nasce, não de uma trabalho de descoberta de si, como na modernidade, mas de invenção e construção de si por via de recursos simbólicos fragmentares que se encontram mediatizados na sociedade. A identidade é o produto de uma lógica de concatenação e apropriação de recursos simbólicos díspares com vista à constituição de uma narrativa da identidade. A unidade identitária é obtida, não por uma fixação ou totalização da identidade mas por evolução e acomodação de fragmentos discursivos que o indivíduo significa em si mesmo. A identidade consiste, na contemporaneidade, na história que cada um narra de si mesmo através das escolhas que faz, do estilo de vida que empreende ou das decisões de consumação. O indivíduo procede à *bricolage* da identidade contornando os constrangimentos através do re-agenciamento e adaptação consumatória das identidades sociais. A identidade fabrica-se apenas no momento em que é fabricada, isto é, ela efectua-se apenas quando se oferece à sociedade e esta lhe devolve a sua enunciação narrativa. A identidade hodierna é fundamentalmente transparente, oferece-se ao olhar do outro, é a exposição de um relato de vida. A identidade, como o sacrifício, é uma oblação à sociedade.

E isto segundo dois aspectos: por um lado, é uma oferta do indivíduo uma vez que abdicou da sua criação individualista e privada para acontecer publicamente, na sociedade e pela sociedade. Daí a crescente tendência da questão das identidades surgir na programação dos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica, seja enquanto tratamento crítico do assunto, seja através da visibilidade dos indivíduos em programas de entretenimento<sup>vi</sup>. Por outro lado, a identidade resulta de um labor de criação autobiográfica e de capacidade de auto-representação. Recria-se entre um “eu” e um “nós” oferecendo-se para ser completada pelo olhar aprovador da sociedade. A identidade hodierna é uma oferta do indivíduo à sociedade na medida em que necessita de ser comentada para se rematar. Ela acaba por expressar-se enquanto modulação que é melhorada através da sua colação com outras identidades. O indivíduo contemporâneo parece possuir uma identidade que coloca em acção a obrigação da dádiva. Cada identidade submete-se a esse imperativo de integração, dilatação e devolução, num procedimento semelhante a uma reciclagem das identidades baseada numa prática especular. As biografias tornam-se cada vez mais polígamas e ecléticas associando-se a diferentes contextos sociais e mantendo sempre o seu carácter inacabado. A identidade oferta-se no mesmo momento em que se amplia.

Através da consumação, a identidade torna-se um tipo social de dádiva (cf. Mateus, 2006: 173-176) em que ela própria se torna uma oblação, ou seja, um modo peculiar de encetar relações sociais aí germinadas e desenvolvidas. Como o sacrifício oblativo, as identidades contemporâneas da consumação não apenas celebram a relação social, como instituem uma dívida positiva que mantém os laços de sociabilidade. Possuir a identidade, consumir os recursos simbólicos materiais significa dar. Dar significa adquirir, ser conjugado com receber.

A identidade parece assumir-se, assim, como um sacrifício de dádiva. Gera o laço social, reprodu-lo, perpetua-o. Acontece segundo um regime material, servindo o objecto para mediar a relação social e contribuir para o ensaio reiterado da identidade. Consumando, o indivíduo mostra-se aberto à interacção. A cultura material serve, assim, de catalisador social. O indivíduo declina-se utilizando a gramática consumatória dos objectos. O que significa que ele está a trocar significações com os restantes indivíduos, está a posicionar-se perante si no mesmo impulso em que se dispõe perante os outros.



O desejo comunitário patente no sacrifício oblato é o mesmo desejo que move o indivíduo contemporâneo a inscrever-se em relações tribalistas de consumação, de se significar e classificar perante os outros enquanto procede na sua demanda operativa de invenção de si. A harmonia que a dádiva possibilita é o mote sobre o qual o indivíduo age quando procede à consumação e à edificação da sua identidade.

#### **4. A Identidade-Sacrifício**

Apreciada enquanto sacrifício, a identidade contemporânea revela-se-nos, assim, muito promissora recusando os disforismos e as deformações (individualistas e narcísicas) que a modernidade lhe atribuía.

A identidade pessoal emerge como sendo eminentemente dialéctica, produto de uma definição negociada entre indivíduos que se desenha através de um enquadramento comunicacional que envolve toda a sociedade. As identidades hodiernas são compreensões subjectivas e transindividuais expressas socialmente em configurações comunicacionais contingentes que, decorrendo de interações sociais, são igualmente formadoras dessas mesmas interações. As experiências individuais contribuem para definir a identidade, assim como a identidade contribui para orientar as compreensões subjectivas dessas experiências (Fivush et Buckner, 1997: 181). A identidade não é apenas constituída linguisticamente, envolvendo concretizações simbólicas mais vastas, tais como a materialidade dos objectos ou as possibilidades tecnológicas.

Examinando as analogias entre sacrifício e identidade, tendo em consideração a mesma lógica social que perpassa nas duas instituições, a identidade mostra-se como um projecto reflexivo da identidade pessoal que integra a expectativa da alteridade na própria avaliação pessoal e que utiliza um espectro alargado de práticas simbólicas, como a consumação, para construir uma identidade que se integre em unidades identitárias colectivas. Nasce, não de um trabalho pessoal cumprido na privacidade ou na ausência da sociedade, mas realizado publicamente em conjugação (e conjugação). Concebida enquanto um processo que envolve uma sociabilidade particular, de modo a restabelecer o vínculo social que na modernidade entrou em erosão, a identidade contemporânea salienta uma individuação que procura na publicidade e na colectividade, não apenas o reconhecimento de si como as etapas imprescindíveis de auto-constituição. O diálogo interior foi substituído pelo diálogo social tornando visível e legível. A procura e invenção de si decorre na mesma arena onde os outros indivíduos se procuram e se inventam. A identidade apresenta-se como um projecto público, incompleto por índole e itinerante por carácter que se desloca constantemente na permissividade entre o plano pessoal e colectivo. É dessas duas filiações complementares que se aprofunda a identidade contemporânea.

A identidade hodierna assume-se como um trabalho simbólico de narração material de si de contornos intersubjectivos. Tal como o sacrifício sublinha a dimensão comunicativa e comunal da sociedade, também a identidade se dá comunicativamente por intermédio da consumação, salientando a mesma procura de criação e reprodução do laço social. A identidade-sacrifício pauta-se pela protelação da complementaridade entre indivíduo e sociedade manifestando a mesma intenção comunicativa de perpetuação da relação social. O sacrifício da identidade acontece de acordo com dois aspectos: ensaia a comunhão com a sociedade, ao mesmo tempo que se oferece à sociedade sujeitando-se à invenção do indivíduo. Comunhão e oblação são os princípios que subjazem, tanto ao sacrifício, como à consumação. A identidade torna-se, assim, um projecto pessoal mas que só pode ser compreendido se integrado no seio de horizontes colectivos de pertença social.



## Bibliografia

BATAILLE, Georges (1986), *Sacrifice*, October, vol. 36, *George Bataille: writings on Laughter, Sacrifice, Nietzsche, Unknowing*, Spring, p. 61-74

EVANS-PRITCHARD, E (1954), "The Meaning of Sacrifice among the Nuer", *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 84, n° 1 / 2 (Jan.-Dec.), p. 21-33

FIVUSH R, et BUCKNER J (1997), "The Self as Socially Constructed: a commentary", em Neisser et Jopling (ed), *The Conceptual Self in Context- culture, experience, self-understanding*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 176-181

GIDDENS, Anthony (2001), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta

JAUREGUIBÉRRY, Francis (2004), "Hypermodernité et Manipulation de Soi" em Aubert (ed), *L'Individu Hypermoderne*, Ramonville Saint-Agne, Éditions Érès, p. 157- 170

KAUFMANN, Jean-Claude (2007), *L'Invention de Soi – une théorie de l'identité*, Paris, Hachette Littératures

MATEUS, Samuel (2006) *A Figuração do Sujeito – sobre publicidade e consumação nas sociedades contemporâneas*, dissertação de mestrado orientada pelo Professor Doutor João Pissarra Esteves apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, texto policopiado

MAUSS M, et HUBERT H (1899), *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*, *Année Sociologique*, tome II, p. 29- 138

MILLER, Jackson, Thrift, Holbrook, Rowlands(1998), *Shopping, Place and Identity*, Oxford, Routledge,

<sup>i</sup> As propostas teóricas de Jean Baudrillard ou de Gilles Livovetsky, entre outras, correspondem a esta visão disfórica da identidade contemporânea. Em ambos subjaz a ideia de uma sociedade que perdeu os pilares sólidos que a sustentavam na modernidade. O sentido deriva indefinidamente, os simulacros invadem o real, o individualismo mina a estrutura social.

<sup>ii</sup> A aliança é o símbolo maior do sacrifício onde se come o animal imolado. Comendo-o, existe uma forte identificação entre homem e Deus como se o primeiro participasse da força do segundo. A ingestão funciona, assim, como operador simbólico da aliança.

<sup>iii</sup> Na Antropologia, a teoria da comunhão do sacrifício foi pela primeira vez avançada por Sykes em 1748 no *Essay on the Nature, Design and Origin of Sacrifices*, e por Robertson Smith em 1889 nas suas *Lectures on the Religion of the Semites*, obra que influenciaria Frazer, Durkheim, Mauss, Hubert e Freud. Para Smith o sacrifício era uma comunhão tornada possível através do animal sacrificado, que ele designava por *theanthropic animal*, pelo seu papel mediador entre o sagrado e o profano.

<sup>iv</sup> A teoria do sacrifício como oblação foi apresentada por Edward Tylor em 1871 na sua obra *Primitive Culture*, e por Herbert Spencer em 1883 nos seus *Principles of Sociology*. Esta teoria vê o sacrifício principalmente como uma oferta aos deuses embora manifeste uma grande variedade de objectivos como agradecer-lhes, alimentá-los, obter o favor, expiar pecados ou criar harmonia entre o homem e os deuses.

<sup>v</sup> Utilizamos este conceito no sentido que Lévy-Strauss lhe conferiu em *La Pensée Sauvage* de 1962.

<sup>vi</sup> A mediatização das identidades exemplifica a contaminação e a forte proximidade entre a identidade pessoal e a identidade colectiva operando, muitas vezes, o regime de transição entre ambas, como por exemplo, enquadrando a identidade de género num projecto reflexivo do indivíduo.